

## PE-063 - MENINGITE BACTERIANA ASSOCIADA À CONVULSÃO E LESÃO HIPÓXICO ISQUÊMICA

Carolina Ballester Lopes<sup>1</sup>, Cíntia Kanazawa Silveira<sup>1</sup>, Eduarda Jaine Facchinello Dall'Aqua<sup>1</sup>, Ana Carolina Portz<sup>1</sup>, Anna Caroline de Tunes Silva Azevedo<sup>1</sup>, Rafael da Silva Trindade<sup>1</sup>, Solange Mendes Vieira<sup>1</sup>

1. Hospital Universitário São Francisco de Paula (HUSFP-UCPel).

**Introdução:** A meningite bacteriana aguda apresenta elevada taxa de morbidade e mortalidade no Brasil. O prognóstico depende da idade da criança, do agente etiológico, das comorbidades associadas e do diagnóstico precoce. Sua incidência tem diminuído significativamente desde o início da rotina de imunização na infância. **Relato de caso:** Paciente M.V.M., 4 meses e 30 dias, sexo feminino. Apresentou tosse produtiva e febre intermitente durante duas semanas, associado a início de sonolência e anisocoria. Diagnosticada com meningite bacteriana. Internou em enfermaria pediátrica iniciando antibioticoterapia. Realizada tomografia computadorizada de crânio evidenciando sinais isquêmicos bilaterais e coleções líquóricas frontais. Evoluiu com episódios de convulsões focais. Iniciado anticonvulsivante e transferido para Unidade de Terapia Intensiva (UTI) pediátrica. Em UTI evoluiu com novas crises convulsivas, sendo associado novo anticonvulsivante e corticoterapia. Líquido cefalorraquidiano evidenciando *Pneumococo* multisensível, sendo descalonado antibiótico. Apresentou picos febris e piora laboratorial, alterando antibioticoterapia. Apresentou novos episódios de crise convulsiva focal, sendo aumentada a dose dos anticonvulsivantes. Realizou antibioticoterapia por quatorze dias. Paciente recebe alta após término do tratamento, mantendo uso de anticonvulsivante, além de acompanhamento ambulatorial com pediatra, neurologista e fisioterapeuta. **Discussão:** A meningite bacteriana ocorre da invasão de bactérias no sistema nervoso central, podendo ser de maneira direta ou da colonização de vias aéreas superiores com posterior disseminação hematogênica e comprometimento da barreira hematoencefálica. Em maiores de dois meses de idade, os agentes mais comuns, responsáveis por 80% dos casos são *Haemophilus influenzae*, *Neisseria meningitidis* e *Streptococcus pneumoniae*. A análise do líquido cefalorraquidiano é fundamental e deve ser feita o mais rápido possível, desde que não haja contra-indicações. Diversas são as complicações da meningite bacteriana aguda durante o tratamento. Estima-se que em até 40% dos casos ocorrem crises convulsivas, sendo mais comum em pacientes mais jovens. É recomendada reavaliação clínica e eletroencefalográfica periódica após a alta, devido ao risco de evoluir com epilepsia.

## PE-064 - ANÁLISE DAS INTERNAÇÕES E MORBIDADE DAS INTOXICAÇÕES ENTRE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE 10 A 19 ANOS ENTRE OS ANOS DE 2013 E 2023 NO RS

Carolina Marsiglia Lucini<sup>1</sup>, Isadora Medeiros de Almeida<sup>1</sup>, Lucas Mariano Pinheiro<sup>1</sup>, Eduarda Ortiz Avila de Araujo<sup>1</sup>, Maria Fernanda Gonçalves Meirelles Fernandes<sup>1</sup>, Natalia Camila Smidt<sup>1</sup>, Virginia Tafas da Nóbrega<sup>2</sup>

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), 2. Hospital São Lucas da PUCRS.

**Introdução:** As intoxicações em crianças e adolescentes representam uma preocupação de saúde pública, podendo resultar em morbidade e mortalidade significativas. Este estudo busca analisar a morbidade das intoxicações em crianças e adolescentes de 10 a 19 anos no estado do Rio Grande do Sul (RS) entre os anos de 2013 e 2023. **Objetivo:** Analisar a morbidade das intoxicações em crianças e adolescentes de 10 a 19 anos no estado do Rio Grande do Sul entre os anos de 2013 e 2023. **Metodologia:** Foi conduzido um estudo descritivo, retrospectivo e quantitativo utilizando dados secundários provenientes do Sistema de Informações Hospitalares (SIH) do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS). Foram incluídos dados de internações de crianças e adolescentes entre 10 e 19 anos, residentes do RS, relacionadas a intoxicações por drogas, substâncias biológicas e exposição a substâncias nocivas. **Resultados:** Durante o período de análise, foram registradas 1.334 internações hospitalares de adolescentes por intoxicação no RS. Os anos de 2022 e 2023 registraram os maiores números de internações ( $n = 164$  e  $n = 154$ , respectivamente), com 2 óbitos registrados em 2022. Houve prevalência das internações em pacientes entre 15 e 19 anos ( $n = 868$ ) entre 2013 e 2023, enquanto pacientes de 10 a 14 anos apresentaram 466, no mesmo período. Isso indica que o número de internações na faixa etária de 15 a 19 anos é cerca de 86.31% maior do que o número de internações na faixa etária de 10 a 14 anos. Quanto aos óbitos, houve 14 registros entre 2013 e 2023, com prevalência entre os pacientes de 15 a 19 anos ( $n = 11$  óbitos), enquanto os pacientes de 10 a 14 anos apresentaram 3 óbitos no mesmo período, sendo que a mortalidade na faixa etária de 15 a 19 anos é cerca de 266.67% maior do que na faixa etária de 10 a 14 anos. Além disso, a região com o maior número de internações e óbitos registrados foi a região da Capital e Vale do Gravataí, totalizando 467 internações e 4 óbitos no período entre 2013 e 2023, o que representa 35.03% do total das internações. **Conclusão:** Os resultados indicam que as intoxicações em adolescentes representam um problema relevante de saúde pública no RS. A predominância de internações e óbitos entre os adolescentes entre 15 e 19 anos sugere a necessidade de medidas preventivas e intervenções direcionadas a essa faixa etária. O monitoramento contínuo e estratégias de conscientização são essenciais para mitigar os impactos negativos das intoxicações nesse grupo populacional.